



**De 17 a 19 de novembro de 2021**

## **O PORTUNHOL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA**

Rodrigo Korink<sup>1</sup>  
Marilene Aparecida Lemos<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente relato de pesquisa versa sobre um projeto que está em andamento desde 2019. A referida pesquisa, fundamentada teoricamente na Análise de Discurso pechêuxtiana, tem como objetivo geral refletir a respeito do portunhol (fronteira Brasil e Uruguai) a partir da obra "Noite nu Norte", do escritor e poeta Fabián Severo, buscando estabelecer uma interface com o processo de ensino/aprendizagem de língua espanhola por brasileiros. De modo especial, são bases para a pesquisa os processos de memória e de identificação/subjetivação no ensino/aprendizagem de língua espanhola, além de reflexões acerca do espaço de fronteira, "língua de fronteira" e portunhol. A metodologia propõe efetuar o gesto de recortar enunciados que relacionem o portunhol ao espaço e ao sujeito fronteiriço e ao espaço formal de ensino da língua espanhola (nacional). Pretendemos, ainda, centrando-nos no objeto portunhol, tecer observações sobre o ensino/aprendizagem de língua espanhola em espaços formais e sobre como podem ser retratados os locais fronteiriços, buscando entender de que maneira os lugares de fronteira conseguem auxiliar nos processos de identificação e subjetivação dos sujeitos alunos com a língua espanhola.

**Palavras-chave:** Fronteira. Ensino. Língua espanhola. Análise de Discurso. Memória discursiva.

**Eixo Temático:** Eixo 10 - Linguagens, Docência e Formação.

### **INTRODUÇÃO**

Este relato de pesquisa aborda um projeto que começou a ser pensado em 2019, a partir de reflexões sobre a língua espanhola e suas práticas de ensino no Brasil, notadamente com base em trabalhos das pesquisadoras Maria Teresa Celada e Maria Onice

---

1 Acadêmico/Graduando em Letras Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul, (rodrigo.korink.rk13@gmail.com)

2 Doutora em Linguística, Orientadora. Universidade Federal da Fronteira Sul, (marilene.lemos@uffs.edu.br)

Payer. Dado que a Universidade na qual nos situamos, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), está localizada em espaço de fronteira, três pontos específicos nos produziram questionamentos, são eles: i) a “distância” entre as particularidades da fronteira; ii) o que se vive na fronteira em seu cotidiano; iii) o ensino da língua espanhola como língua estrangeira em nosso Curso de Letras.

O problema de pesquisa parte do entendimento de que a língua espanhola é oficial em 21 países, possui quase 489 milhões de falantes maternos, sendo a segunda língua materna por número de falantes no mundo. Considerando o grupo de usuários potenciais, esse número supera 585 milhões, englobando cerca de 7,5% da população mundial e, segundo dados do Instituto Cervantes, a porção de falantes seguirá crescendo nas próximas cinco décadas. Vale ressaltar que embora o Brasil mantenha relações políticas com a maioria dos países hispanofalantes, fazendo fronteira com sete destes, o ensino de língua espanhola não faz parte da grande maioria das grades curriculares nacionais, sendo preterido pela língua inglesa – que, devido ao contexto “globalizado”, ganha maior destaque.

Notamos, também, em práticas de ensino de língua espanhola, uma certa distância com o real dessa língua, ocorrendo uma espécie de repetição na qual são desvalorizados os contextos reais de fala, de uso da língua e de convívio entre os sujeitos (CELADA, 2008). Desta maneira, o espaço de fronteira se configura como um ponto de interesse pela demanda de ensino dessa língua estrangeira, já que entendemos que não se deve ignorar, nas práticas de ensino de língua espanhola, as interações que existem entre os falantes e entre as línguas portuguesa e espanhola. As relações na fronteira constituem diversos aspectos que são muito importantes para se pensar no ensino, uma vez que a comunicação, a cultura, os modos de vida e o cotidiano das pessoas que vivem ali se constituem no entremeio do convívio entre essas línguas; enfim, existem diversos aspectos favoráveis para se fazer pesquisa acerca dessa “realidade” fronteiriça, mas muito pouco ainda foi produzido.

Tomando como referência alguns trabalhos já realizados sobre esta temática, especificamente acerca da língua de fronteira, propusemos o desenvolvimento do projeto pautado em alguns conceitos da Análise de Discurso (AD) pechêuxiana, numa interface

entre essa teoria e o ensino de línguas. Buscamos, especialmente, compreender e propor uma prática de ensino que leve em consideração a identificação do sujeito e seu assujeitamento à língua espanhola pela memória discursiva, que está entrelaçada nos convívios da fronteira (PAYER; CELADA, 2009).

Deste modo, atentamos nosso olhar à disparidade entre o processo de ensino/aprendizagem de língua espanhola no currículo escolar brasileiro, cujas práticas propostas - salvo exceções - não priorizam o assujeitamento e a identificação dos sujeitos com língua espanhola (e nem com a língua que é falada no “real” das fronteiras do Brasil com países hispanofalantes). Destacamos, com afinco, que não é possível efetivar, mediante uma proposta de ensino, a identificação dos sujeitos com a língua espanhola sem apresentar meios pelos quais os alunos possam ter um contato real com a língua (através da cultura, modo de vida e de um conjunto de outros aspectos fronteiriços). Colocamos aqui em contraponto, também, a falta de interesse e procura pelo ensino de língua espanhola nas escolas e a defasagem e preconceito linguístico envolvido – comparado ao ensino de inglês.

Isso posto, salientamos que a pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre oportunidades a partir de análises discursivas da obra "Noite no Norte", do escritor e poeta uruguaio Fabián Severo, buscando estabelecer uma interface entre a língua de fronteira e/ouportunidade e o processo de ensino/aprendizagem da língua espanhola por brasileiros em espaços formais. Pretendemos, ao focar neste objeto, propor uma “aproximação” dos sujeitos-alunos com a língua espanhola, retratar a fronteira e tecer reflexões sobre os processos de identificação e subjetivação que estão em jogo no espaço fronteiriço.

Justificamos essa temática tendo em consideração os processos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras em contextos formais, de forma mais específica, do espanhol nos cursos de graduação em Letras. Certas análises de produções escritas realizadas por alunos brasileiros de espanhol, com as quais tivemos contato por meio de leituras, evidenciam uma certa “distância” entre o aplicado no ensino-aprendizagem de língua espanhola e o real “conhecimento adquirido” pelos estudantes. Em outras palavras, nos processos de ensino/aprendizagem de língua espanhola em contextos formais, entendemos ser pertinente indagar, analisar e inclusive superar o que Orlandi (1998, p. 208) chama de “repetição empírica”, isto é, dizer o mesmo, o idêntico (efeito

papagaio); e, também, o que a própria pesquisadora denomina “repetição formal” e que define como “a técnica de produzir frases, exercícios gramaticais”, que não fazem trabalhar o sujeito e a memória discursiva (CELADA, 2008, p. 161).

Desse modo, nossa pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar as reflexões acerca das práticas de ensino/aprendizagem de língua espanhola em espaços formais, que se encontram “distanciadas” do real da língua e que podem estar promovendo apenas uma “repetição empírica” gramatical, sem levar os sujeitos a se identificarem com a língua. Além disso, o trabalho é justificado pela importância de ampliar as análises sobre a fronteira - tomando oportunidade na relação com a língua nacional no Uruguai - e, assim sendo, o estudo poderá contribuir com as pesquisas que levam em conta os processos de subjetivação e modos de identificação no ensino de línguas estrangeiras. Enfim, buscamos refletir sobre uma proposta de ensino de língua espanhola que preze pelo gesto de “fazer acontecer a língua nos sujeitos”, explorando a variedade, a cultura e o contexto fronteiriço (ORLANDI, 1998).

Na próxima seção, abordaremos o desenvolvimento da pesquisa, na qual descreveremos o referencial teórico proposto e, em seguida, trataremos da metodologia de pesquisa que pretendemos utilizar, finalizando com os resultados e discussões.

## **DISCUSSÕES E REFERENCIAL TEÓRICO**

Para começar, devemos lembrar que o referencial teórico aqui apresentado parte de estudos que se fundamentam na análise de discurso numa interface com o ensino de línguas, especialmente com o ensino de língua espanhola. Ademais, nosso olhar teórico também é voltado para pesquisas que focam em discussões sobre a(s) fronteira(s) e a prática de ensino de línguas estrangeiras.

Neste sentido, sublinhamos que trabalhar a cultura como um processo de ensino de uma língua estrangeira (em nosso caso, a língua espanhola) requer que se pense a cultura com novas interpelações, colocando novos sentidos que permitam a interrupção dos costumes dominantes na memória discursiva, desvinculando “a cultura” de certos saberes (SOUZA JÚNIOR, 2016) já estabilizados. Propor, como explana o referido autor, novas

séries de sentido através da revisão do termo cultura, pode contribuir, justamente, para a promoção ou propiciação da identificação simbólica do sujeito aprendiz com a língua outra.

Tomando isso por referência, torna-se necessário contrariar as práticas de ensino que hoje são pautadas nos livros didáticos que, por vezes, recortam e tendem a tornar o ensino como gramatical, estereotipando e homogeneizando sentidos, dando continuidade a um certo processo ideológico (inclusive, isso corrobora a afirmação de Orlandi já citada anteriormente na justificativa deste relato de pesquisa). Nesses casos, a cultura é impulsionada apenas enquanto tema, trabalhada como um lugar outro na língua, sem ser referenciada como uma materialidade linguística. De tal forma, a materialidade dos efeitos de sentido construídos sócio-historicamente é destituída.

Nesta perspectiva, compreendemos que estas práticas estão, de algum modo, interligadas a certas representações da sociedade, evidenciando uma dicotomia entre língua e cultura (SOUZA JÚNIOR, 2016). Com isso como marco, dentro das práticas de ensino, entendemos não ser possível pensar a cultura como algo separado dos processos históricos e discursivos, constitutivos de uma língua; a cultura faz parte da constituição do discurso e da história, operando nos discursos dentro dos processos de identificação.

Sendo assim, discutimos o funcionamento da cultura como um arquivo que, ao ser aberto, implica na possibilidade de ressignificar os modos regulares de evidência que isola a cultura da língua. As práticas de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras devem, desta maneira, propor um processo de inscrição dos sujeitos aprendizes à outra língua e cabe, nesse processo, propiciar a identificação desses com a própria língua. Aqui, a simples associação da cultura com uma nação ou identidade nacional ganha um novo significado, dando visibilidade à questão da identidade, onde a cultura recebe um aspecto de modo de vida característico (SOUZA JÚNIOR, 2016); este modo de conceber a cultura se articula com a justificativa deste relato de pesquisa.

Como afirma Sturza (2019), a fronteira tem um componente de identificação com o território e a cultura, de maneira que a língua estabelece um elo dos sujeitos com seus espaços de presença/vivência e convivência; este elo, dentro das zonas de fronteira, possui muitas especificidades. A fronteira, além de ser um lugar com divisões geopolíticas que configuram um espaço social de materialização das práticas linguísticas, é um lugar

particularizado, pois afeta o modo como os sujeitos se relacionam com a língua. Diante disso, compreender o que é a fronteira por meio da língua permite interpretar a história desse local, afirmando a fronteira como um lugar de construção de identidades e ressignificando as representações de cultura e visão de mundo (STURZA; TATSCH, 2016).

Com respeito ao espaço de fronteira e as línguas em contato, em nossa revisão de bibliografia, privilegiamos os estudos sobre o portunhol na perspectiva da fronteira Brasil/Uruguai: lemos sobre os denominados Dialectos Portugueses del Norte del Uruguay (DPU) (ou Português do Uruguai (PU) – denominação presente em estudos mais recentes, descritos como uma variante do português influenciada fortemente pelo espanhol (CARVALHO, 2003 apud STURZA; TATSCH, 2016). Entretanto, esses DPUs, identificados como uma prática linguística de contato, são também designados como portunhol; ainda é necessário pensar se esses DPUs e o PU são equivalentes ao portunhol ou se o “dialeto” que existe nesta fronteira é uma outra língua resultante do contato entre o português e o espanhol (STURZA, 2004 apud STURZA; TATSCH, 2016).

É do nosso entendimento que os portunhóis são vários, não apenas uma mescla do contato entre português e espanhol; em nosso caso, tomamos o portunhol como língua de fronteira que se constitui na relação entre sujeitos e o espaço/lugar onde estão situados. Conforme a afirmação de Sturza e Tatsch, definir o portunhol como língua de fronteira, seja designando-a como portunhol ou de quaisquer outros modos é, antes de tudo, considerá-la uma língua que tem sentido para os sujeitos inscritos numa comunidade na qual estar entre uma língua e outra é fundante da sua relação identitária. (STURZA, TATSCH, 2016).

Trazemos essa perspectiva ao pensar que o contato linguístico entre português e espanhol produziu o portunhol como prática comunicativa para delimitar situações específicas e dentro de determinados propósitos. Essa condição nos possibilita enxergar diversas funcionalidades que, dentro da intercompreensão, se potencializam com a identificação cultural dos sujeitos com esse contato, revelada por todas as demandas sociais que o portunhol mantém e, também, pelo nível de convívio entre os falantes (STURZA, 2019). O portunhol como fenômeno linguístico, no caso uruguaio, acaba

representando uma prática linguística instituída, quase uma terceira língua, que passou a ser utilizada nos âmbitos artísticos, especialmente na música e na literatura (CRINÓ, 2016).

Tendo em consideração a importância de refletirmos sobre oportunidades no ensino e na aprendizagem de língua espanhola, os estudos de Payer e Celada nos são bastante caros. As autoras consideram que para as práticas em sala de aula, bem como os traços de memória na língua, funcionam através da identificação dos sujeitos com a própria língua, ou seja, os traços de memória na língua se constituem por processos de identificação na relação sujeito/língua. Uma vez que o português carrega marcas de imigração e nacionalização, que demonstram alguns traços de memória histórico-discursivos materializados, esses traços levam a identificação com as línguas estrangeiras (PAYER; CELADA, 2009). Ao estudar o funcionamento das línguas na história da imigração, utilizando deslocamentos em relação à memória, é necessário compreender a distinção entre língua materna e nacional (PAYER, 2009). Assim, a língua nacional é a língua das normas, da correção, aquela que é aprendida nas escolas e que, teoricamente, faz parte do repertório de um escritor eficiente e bom falante; já a língua materna traz as memórias não instrumentalizadas, apresentando todas as materialidades linguísticas, não se pautando por um controle regrado da língua (PAYER; CELADA, 2009).

Considerando, na estrutura linguística, os traços de memória, compreendemos que a memória histórica-discursiva se materializa na língua (PAYER, 2009). Convém acrescentar que, dentro do campo da Análise de Discurso, o estudo da oralidade é um aspecto fundamental para a compreensão dos traços da memória discursiva, onde se encontra, desse modo, a língua em seu pleno funcionamento: “Ocorre que, sobretudo na língua, não se trata de memória imediatamente localizável, voluntária e consciente, impressa em monumentos, pronta para ser ‘resgatada’. [...] Ela opera sob a forma da evidência dos sentidos, aparecendo também nas suas falhas”. (PAYER, 2009, p. 42).

O trabalho da língua como lugar de memória é um construto complexo: ao lidar com a memória discursiva, se contempla, por um lado, a língua e, por outro, os processos de identificação das materialidades que os sujeitos têm com essa mesma língua.

Na pesquisa, nosso questionamento diz respeito às possibilidades de relações com a língua na escola que podem dispor da identificação dos sujeitos com as materialidades linguísticas presentes em sua história. Nos processos de ensino atuais, a nacionalização da

língua portuguesa faz frente a esse processo de identificação com uma língua estrangeira, silenciando, de certa forma, a língua materna que os sujeitos têm contato. Este fato de colocar em relação as línguas nacionais e maternas resulta em uma tensão/batimento entre as memórias discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos (PAYER, *ibid.*). Desta maneira, nos processos de ensino/aprendizagem, é necessário proporcionar experiências que envolvam os sujeitos nas materialidades das memórias da língua. Isto requer observar os valores que cada uma das línguas, a nacional e a materna, tem em cada situação: ao serem alfabetizados, os sujeitos precisam estar em contato com todos os sentidos da língua – tanto a materna, quanto a estrangeira (PAYER; CELADA, 2009).

Celada e Payer (*ibid.*) ainda retomam que as práticas de ensino/aprendizagem devem produzir processos de introdução do sujeito à linguagem, em qualquer ordem de funcionamento linguístico, tendo também as práticas de escrita e leitura como um campo conceitual. Nesse sentido, é necessário um processo de interlocução que inclua as considerações acerca da língua por parte dos sujeitos e as práticas desenvolvidas pelos professores. As autoras descrevem que as práticas de ensino/aprendizagem fazem parte das condições de produção de um processo que compreende a inserção de um sujeito da linguagem; com isso, se torna possível considerar as relações de qualquer ordem de funcionamento linguístico, concretizando um processo de identificação enlaçado à subjetivação – e todas as subjetividades (CELADA; PAYER, 2016).

A partir dessas reflexões apresentadas por Celada e Payer, conforme descrito, a pesquisa busca compreender os processos de prática de ensino/aprendizagem, não deixando de considerar a identificação dos sujeitos com as línguas estrangeiras. Como dito pelas autoras, embora as práticas de ensino privilegiem a língua nacional em detrimento da materna, é pelos processos de memória discursiva presentes e remanescentes que se chegaria a um traço de identificação que pode auxiliar nesse desenvolvimento de ensino (PAYER; CELADA, 2009). O processo de identificação inclui traços culturais que, dentro do contexto de fronteira, são muito ricos e diversificados; isto abrange diversas possibilidades de vincular os sujeitos à língua espanhola, por exemplo, incluindo a literatura, a música, a culinária, movimentos tradicionalistas e a cinematografia.

## **METODOLOGIA**

A proposta metodológica do projeto prevê a realização de uma revisão bibliográfica em artigos, livros e estudos com relação ao tema apresentado, tomando por referência a Análise de Discurso, mais especificamente discussões acerca da memória discursiva, dos processos de identificação, subjetivação e subjetividade. Aqui, se tornam referência os trabalhos teóricos realizados por Eni Orlandi, Maria Teresa Celada, Maria Onice Payer, Freda Indursky, entre outros; estes trabalhos contribuem circunstancialmente no desenvolvimento da proposta.

Como corpus, o projeto visa investigar a obra “Noite nu Norte”, de Fabián Severo, poeta e professor, que nasceu na fronteira norte do Uruguai (na cidade de Artigas) e que utiliza em suas obras o “portunhol”, uma mescla/encontro/entrelaçamento entre o português brasileiro e espanhol, mas que não possui uma gramática específica. Pretendemos, ao trazer esse tema, propor uma “aproximação” dos sujeitos-alunos com a identificação com a língua espanhola e retratar a fronteira como um lugar rico em práticas que podem ser utilizadas nos processos de ensino/aprendizagem. O aporte teórico – já exposto anteriormente – e o corpus proposto se entrelaçam por meio de nosso gesto analítico que busca refletir, justamente, sobre este ensino de língua espanhola que leve a uma identificação dos alunos com a cultura dessa língua, motivando as suas memórias discursivas.

O ponto de partida ao olhar para o corpus é a pergunta: o que se diz, nessa obra, sobre o portunhol na/da fronteira Brasil e Uruguai? Assim, mantendo o foco nos objetivos deste projeto, efetuamos o gesto de recortar enunciados que relacionem o portunhol à língua espanhola (nacional), ao espaço e ao sujeito fronteiriço e ao espaço formal de ensino da língua espanhola (nacional). O procedimento analítico dos enunciados selecionados é construído sob o movimento de vai e vem entre os enunciados e os dispositivos teóricos. Para tanto, centrando-nos no objeto portunhol, refletiremos sobre o ensino/aprendizagem de língua espanhola em espaços formais e como podem ser retratados os espaços fronteiriços, com o objetivo de auxiliar nos processos de identificação e subjetivação dos sujeitos alunos com a língua espanhola.

## RESULTADOS

Esperamos que ao final do projeto se possa desenvolver a escrita de um artigo acadêmico o qual aprofundará as seguintes temáticas: sentidos de portunhol, portunhol X língua nacional (Uruguai) e portunhol X ensino/aprendizagem de língua espanhola como língua estrangeira para brasileiros. Também esperamos, dentro do possível, desenvolver uma proposta de ensino que contemple todos esses aspectos e que possa ser utilizada em aulas de língua espanhola em espaços formais. A referida pesquisa ainda está em desenvolvimento e se encaminha para trazer a abordagem de Análise de Discurso junto ao corpus indicado.

As discussões sobre os processos de identificação e subjetivação, memória, discurso e fronteira são elementos chave e ganham destaque para o aprofundamento que será dado ao projeto. Os resultados, ainda preliminares, estão sendo de certa forma satisfatórios para o projeto, já que o referencial bibliográfico utilizado vem indicando alguns aspectos necessários e que auxiliarão para a conclusão da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no que se propõe o projeto tem uma grande importância na caminhada acadêmica, pois as indagações produzidas aqui são o resultado de inquietações que percorreram todo o caminho escolar. Deste modo, poder realizar esta pesquisa traz efeitos extremamente gratificantes. O presente relato proporciona, ainda, uma possibilidade de expandir tudo o que foi pensado no início do planejamento, contemplando a finalização de uma pequena etapa deste estudo.

O projeto apresenta uma temática relevante e necessária porque discute questões em torno dos seguintes aspectos: i) fronteiras culturais e linguísticas; ii) distância existente entre a língua espanhola do cotidiano e a que é levada até os espaços formais de educação; iii) o portunhol/*los portuñoles* – seja como língua ou como prática linguística presente nos espaços cotidianos de fronteira. Tudo isto vem interligado à base teórica pècheuxtiana. Outros destaques se fazem no que diz respeito à necessidade de trazer tal temática para

a sala de aula e à possibilidade de abrir espaço para novas investigações - tal como foi abordado ao longo deste relato.

## REFERÊNCIAS

CELADA, M. T. O que quer, o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 145–168, jul./dez. 2008.

PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (Org.). **Subjetivação e Processos de Identificação**. Sujeitos e línguas em práticas discursivas - inflexões no ensino. Campinas: Pontes Editores, 2016.

CRINÓ, C. O portunhol/portuñol na poesia de Fabián Severo. **Revista Interfaces**, n. 24, vol. 1, jan.–jun., 2016.

INSTITUTO CERVANTES. **El español: una lengua viva**. Informe 2020. Disponível em: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario\\_20/informes\\_ic/p08.htm](https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_20/informes_ic/p08.htm)>. Acesso em: maio de 2021.

ORLANDI, E. P. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORI NI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: FAPESP, FAEP/Unicamp: Mercado de Letras, p. 203–212, 1998.

PAYER, M. O.; CELADA, M. T. **Relação Sujeito/Língua(s)** - Materna, nacional, estrangeira. XII Simpósio Nacional de Letras e Lingüística. UFU, 2009.

PAYER, M. O. **Memória, Língua, Ensino**. Artigo. [s/d].

PAYER, M. O. **O trabalho com a língua como lugar de memória**. Synergies Brésil n° 7 - p. 37-46, 2009.

PAYER, M. O. Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). **Gragoatá**, Niterói, n. 34, v. 1, p. 183-196, 2013.

SOUZA JÚNIOR, J. R. **Cultura enquanto objeto discursivo** – considerações e lineamentos sobre seu papel em práticas de ensino de língua estrangeira, especificamente nas de espanhol para brasileiros. 2016. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 178 págs.

STURZA, E. R.; TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. **Cadernos de Letras da UFF**, n° 53, p. 83-98, 2016.

STURZA, E. R. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. **Revista Ibero-americana de Educação**, vol. 81, n.1, pp. 97-11, 2019.